

LIBIDO: DESORDEM, AFETO E SISTEMA TECNOSSEMIÓTICO

Cleiton Zóia Münchow

cleiton.munchow@ifms.edu.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

III Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2023

Resumo. Neste trabalho investigaremos o conceito de libido no pensamento de três filósofos de diferentes períodos da história da filosofia: Santo Agostinho, Espinosa e Paul B. Preciado. O primeiro, do período medieval, pensou a libido como desordem, o segundo, do período moderno, como um afeto que pode ser geometricamente entendido, o terceiro, contemporâneo, tem elaborado um pensamento em que a libido é entendida como sistema tecnossemiótico. Com este trabalho não pretendemos nada outro que o exercício do pensamento em torno de um dos conceitos mais importantes para a elaboração de uma ideia de política do desejo.

Palavras-Chave. Desordem, afeto, sistema tecnossemiótico

Resumen. En este trabajo investigaremos el concepto de libido en el pensamiento de tres filósofos de diferentes períodos del pensamiento filosófico: Santo Agustín, Espinosa y Paul B. Preciado. El primero, perteneciente al período medieval, concibió la libido como desorden, el segundo, de la época moderna, como un afecto que puede entenderse geométricamente, y el tercero, contemporáneo, ha desarrollado un pensamiento en el cual la libido se entiende como un sistema tecnossemiótico. Con este trabajo no pretendemos más que ejercitar nuestro pensamiento en torno a uno de los conceptos más importantes para la elaboración de una idea de políticas del deseo.

Palabras clave. Desorden, afecto, sistema tecnossemiótico.

A existência de necessidades sexuais no ser humano e nos animais é expressa, na biologia, com a suposição de um “instinto sexual”. Nisso faz-se a analogia com o instinto de nutrição, a fome. A linguagem corrente não tem uma designação correspondente à palavra “fome”; a ciência emprega “libido” (FREUD, 2016, p. 20)

1. A LIBIDO ESTÁ EM AGOSTINHO, ESPINOSA E PRECIADO

“A libido está em tudo. A libido está em toda parte”, canta Ana Carolina na Canção *Libido*. “No anúncio da revista ou na obra de arte. Na foto do jornal ou na letra do encarte, a libido”, prossegue a compositora, está na “suíte do motel, sala de apart. No meio, bem no meio do calor que invade”. E ainda, “no mundo virtual ou na realidade. No hall do elevador, na mão do biscate. No gesto do plebeu ou da majestade. Em quem chega cedo ou em quem já vai tarde”. A Libido está “pulsando na pureza ou na crueldade. Na ânsia do desejo ou na rivalidade. Às vezes finge amizade. Mas move o mundo inteiro sem dó nem piedade”. A canção nos mostra a presença da libido em diferentes modalidades da existência e insiste em sua onipresença, a libido está em toda parte, está em tudo. Isso, nos parece, constitui uma boa amostra do alcance que esta palavra assumiu no imaginário contemporâneo o qual, certamente, encontrou em Freud uma das suas linhas mais fundamentais, como se lê na epígrafe, ele situa, em termos de necessidade, a libido ao lado da fome, duas formas de instinto. Mas, afinal, do que falamos quando em libido falamos? O que é libido? Desejo sexual? Impulso sexual? Anseio sexual? Energia sexual? Sem a pretensão de esgotar o tema, selecionamos três diferentes filosofias para pensarmos a libido como conceito filosófico: Agostinho, Espinosa, e Preciado foram os filósofos invocados no traçar das linhas que se seguem. No primeiro encontramos a libido como desordem, no segundo, como afeto e, no terceiro, como sistema tecnosemiótico.

2. AGOSTINHO E A LIBIDO COMO DESORDEM

“Há muitos tipos de libido”, escreveu Agostinho no capítulo XVI d’*A Cidade de Deus*, não sem observar que “quando se diz libido, assim as secas” (AGOSTINHO,

1958, p.963) entende-se que se trata daquela “que excita as partes sexuais” (AGOSTINHO, 1958, p. 963), o ardor libidinoso. A libido constitui os movimentos irracionais da mente, ela mistura os afetos de ânimo com os apetites carnis, ela é capaz de dominar o homem inteiro, seu interior e exterior, seu corpo e sua alma. No paraíso, mesmo o governo dos órgãos genitais estavam sob os desígnios da livre vontade orientada pela razão, pela ordem perfeita. A libido vergonhosa foi a pena justa imposta ao homem devido à sua desobediência e soberba. Agostinho pensa o pecado original “como fonte da vida carnal” (AGOSTINHO, 1958, p.920). Com o pecado original o homem perde o governo do corpo e seus genitais não funcionam mais como o braço que se levanta sob o comando da mente, a reprodução encontra-se envolvida em ardor libidinoso que é capaz de escurecer o pensamento e dominar o homem em sua inteireza, a desordem da libido, não encontra limites, ordinariamente ela age contra a razão, mas, extraordinariamente, age contra o próprio libidinoso e contra si mesma - libido é desordem.

É importante sublinhar que a libido é a pena, não a causa do pecado original só a alma é capaz de pecar e ela não peca por ter libido, é por ter pecado que a libido passa a existir, a vontade livre é a única que a qual o pecado original, pode, legitimamente ser imputado: “(...) nada pode sujeitar o espírito (mentem) à paixão (libidinis), a não ser a própria vontade (voluntate)” (AGOSTINHO, 1995, p.149). A libido é um bem no que se refere à sua atuação no processo de reprodução empreendido pelo casal, mas se afasta do ser quando faz o homem inteiro ser dominado pelo gozo libidinoso, o gozo dos “que vivem entregues aos sentidos do corpo” (idem, p.162), gozo cuja força se faz sentir pela sua capacidade de escurecer o pensamento, o ideal, para Agostinho, é a extinção da libido do ato sexual reprodutivo, esse ideal agostiniano pode ser facilmente identificado em uma questão formulada em seu livro *A Cidade de Deus*: “Quem, amigo da sabedoria e dos gozos santos (...) não preferiria, se fosse possível, engendrar um filho sem esta libido?” (AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*, o pecado e as paixões, p.63). A eliminação da libido, o domínio da vontade sobre ela, representa a instauração de uma vida orientada pela razão, uma vida que não está voltada para a carne, uma vida que não se volta contra si mesma. Para Agostinho, a libido é a desordem.

É evidente pela leitura de *O livre-arbítrio*, a libido não tem o poder de sujeitar a mente, a única que tem esse poder é a vontade. Qual é a potência da libido? Sobre o que

ela tem poder? A vontade, a livre-vontade, o livre-arbítrio, em Agostinho, constituem o homem naquilo que ele tem de essencial. A boa vontade é aquela que ama os bens na sua verdadeira ordem, a má vontade é aquela que não ama os bens na ordem devida. Neste último caso, busca-se os bens naquilo que é da ordem do corpo, no caso da boa vontade busca-se, em primeiro lugar, amar ao criador. A má vontade é a vontade da carne que encontra na voluptuosidade corporal o maior dos prazeres. A boa vontade ama a sabedoria e seus gozos são santos. A diferença entre as duas passa pelo modo como utilizam os bens, mas o fundamental é que a vontade será qualificada como boa ou má a partir do fato de que são o efeito do exercício da própria vontade, a possibilidade de ser diferente do que se é que se encontra assentada no puro querer. A vontade, nesse sentido, não é movimentada por nenhuma força exterior que lhe constranja, a libido não arrasta o homem, a não ser que ele queira, ninguém faz o que não quer. Não por acaso, Agostinho, no Livre-arbítrio, escreveu: “só há culpa no caso de um ser recusar-se a ser o que tinha o poder de ser, se o quisesse” (AGOSTINHO, 1995, p. 201), “tornando-se incapaz de se abster de atos libidinosos, em consequência das resistências e dos dolorosos tormentos dos vínculos carnis – essa não é a natureza primitiva do homem, mas, sim, o seu castigo depois de ser condenado. Mas quando falamos da vontade livre para agir bem, evidentemente falamos daquela vontade com a qual o homem foi criado” (AGOSTINHO, 1995, p.210.). Na página seguinte, prossegue Agostinho, “Vagamos primeiramente no erro, ignorando o que devemos fazer. Em seguida, quando os preceitos da justiça começam a nos ser manifestos e quereríamos cumpri-los, não sei por qual resistência da concupiscência carnal, e por qual necessidade, tornamo-nos incapazes de fazê-lo” (AGOSTINHO, 1995, p. 211).

Sentir dor e prazer, para Agostinho, atesta que as coisas podem chegar “à perfeição própria de seu gênero” e conseguirem “a estabilidade devida à sua natureza, a não ser em virtude de certa unidade”. Fugir da dor e procurar o prazer, por sua vez, atesta que as criaturas existentes estão “a fugir da desagregação e à procura de unidade”. Temos aqui o atestado da unidade como perfeição, estabilidade, como aquilo que em nós, criaturas, na fuga da dor e na procura pelo prazer, evita a degradação e procura a unidade: “Pois o que é a dor, a não ser uma sensação de resistência à divisão e à corrupção” (AGOSTINHO, 1995, p. 231). Procurar os prazeres do corpo e fugir dos dissabores, “constituem atividade da vida animal” (AGOSTINHO, 1995, p. 47). No

caso do homem, uma vez que ele é dotado de razão, capaz de sabedoria e possuidor de uma vontade livre, a fuga da dor e a busca dos prazeres assumem sentido diverso da que assumem no caso dos animais que existem, vivem e sentem, mas não raciocinam. Só os homens podem pecar, e o fazem a medida em que se afastam do seu próprio e verdadeiro querer. A libido, como penalidade imposta aos homens devido a sua soberba e desobediência, se volta ordinariamente contra a mente e extraordinariamente contra si mesma. No paraíso os órgãos genitais correspondiam aos apelos de nossa razão tal qual nossos braços e pernas correspondem aos apelos de nossa mente racional. A libido introduz o escurecimento do pensamento, ela é o apetite carnal que produz a voluptuosidade, aquilo que, conforme Agostinho, é o maior dos prazeres carnis.

3. ESPINOSA E A GEOMETRIA DA LIBIDO

Os afetos são coisas naturais, seguem as leis comuns da natureza, Espinosa intenciona determinar a natureza e a força dos afetos e o que pode a Mente para moderá-los. Ao invés de amaldiçoar ou ridicularizar os afetos é preciso entendê-los. Espinosa se propõe a “tratar do vícios e inépcias dos homens à maneira Geométrica”, da perspectiva da natureza não há vício e mesmo os afetos que aos olhos comuns são horrendos são o produto da natureza, “pois a natureza é sempre a mesma, e uma só e a mesma em toda parte é sua virtude e potência de agir, isto é, as leis e regras da natureza, segundo as quais todas as coisas acontecem e mudam de uma forma em outra, são em toda parte e sempre as mesmas, e portanto uma só e a mesma deve ser também a maneira de entender a natureza de qualquer coisa, a saber, por meio das leis e regras universais da natureza”. Assim, os afetos, em si mesmos considerados, seguem a mesma necessidade e virtude da natureza que as demais coisas singulares, e admitem, portanto, causas certas pelas quais são entendidos e possuem propriedades dignas de nosso conhecimento quanto qualquer outra coisa cuja só contemplação nos deleita. Espinosa, pretende, portanto, tratar dos afetos segundo o método geométrico e considerará “as ações e apetites humanos como se fosse Questão de linhas, planos ou corpos” (EIII, Prefácio, p.235). A libido é um afeto e, portanto, deve ser entendida à maneira dos Geômetras.

Desejo e Amor são os afetos nomeados na definição de libido (EIII, def.48, p363): A Libido é também o Desejo e Amor de unir os corpos”¹. Com o propósito de pensarmos sobre o sentido da libido no interior do sistema geométrico de Espinosa, nas linhas seguintes investigaremos as noções de Desejo e Amor relacionadas ao sexo como causa exterior. O desejo é nossa essência atual, a expressão determina como esforço de perseverar na existência. Operando confusamente a distinção entre a imaginação e as coisas ou não, esse esforço se realiza como busca por aquilo que é útil para aumentar as forças do esforço de perseverar na existência.

Este esforço, (...) quando é referido simultaneamente à Mente e ao Corpo chama-se *Apetite*, que portanto não é nada outro que a própria essência do homem, de cuja natureza necessariamente se segue aquilo que serve à sua conservação, e por isso o homem é determinado a fazê-lo. Em seguida, entre o *apetite* e o *desejo* não há nenhuma diferença senão que o *desejo* é geralmente referido aos homens enquanto são cômicos de seu *apetite*, e por isso pode ser assim definido: o *Desejo* é o *apetite* que dele se têm consciência (EIII, p9, esc, p.253-5).

Entende-se, assim, que Espinosa, na Definição dos afetos, tenha escrito que “O Desejo é a própria essência do homem enquanto é concebida determinada a fazer [agir] algo por uma dada afecção sua qualquer” (EIII, def.1, p.339). E ainda, na explicação da mesma definição: “para não parecer que cometi alguma tautologia, não quis explicar o Desejo pelo *apetite*, mas tentei defini-lo de tal maneira que compreendesse de só vez todos os esforços da natureza humana que designamos pelos nomes de *apetites*, *vontade*, *desejo* ou *ímpeto*”, “quaisquer esforços (...) e *volições* de um homem que, segundo a variável constituição do mesmo homem, são variáveis e não raro tão opostos

¹ Espinosa, na parte III de sua *Ética* demonstrada à maneira dos *geômetras*, inclui, nas *Definições dos Afetos*, a *Libido*, trata-se da definição 48, nela pode-se ler: *Libido est etiam Cupiditas, & Amor in commiscendis corporis*. Diferentes têm sido as traduções que a palavra e a definição como um todo tem recebido. Joaquim Ferreira Gomes, em 1973, a traduz por *Lubricidade*, em 2007, Tomaz Tadeu a traduziu por *Luxúria*, na tradução coordenada por J. Guinsberg, Newton Cunha e Roberto Romano, de 2014, encontramos, mais uma vez a palavra *Lubricidade* como termo equivalente a *Libido* em português, já na tradução coordenada por Marilena Chaui, datada de 2015, a palavra *Libido* é traduzida por *Lascívia*. As escolhas de traduções nos oferecem um bom entendimento do sentido que a palavra assume na língua portuguesa, assim, *Libido* é a *Lubricidade*, a *Luxúria*, a *Lascívia*, nós, no entanto, preferimos a preservação do termo original, afinal, a palavra existe na língua portuguesa e, no vocabulário filosófico de Espinosa recebe, salvaguardadas as devidas distâncias, o sentido que essa palavra possui no uso corrente: um *desejo* ou uma *paixão violenta* (Cf. AURELIO). A *libido*, como se lê na definição é, na tradução de Gomes, “o *desejo* e o *amor da união sexual*”, na tradução de Tomaz Tadeu, “o *desejo* ou o *amor imoderado pela conjunção dos corpos*”, na tradução de Guinsberg, “o *desejo* e o *amor da união corporal*”, na de Chaui, “o *Desejo* e o *Amor de unir os corpos*”. Embora semanticamente incorreta, a tradução de Gomes revela o sentido preciso que o termo assume: *desejo* e *amor de união sexual*.

uns aos outros que ele é arrastado de diversas maneiras e sabe para onde voltar-se” (Idem).

O Desejo, juntamente com a Alegria e a Tristeza, é um dos Afetos primitivos, afetos dos quais, por composição, os demais afetos derivam. Sendo afeto, o desejo é a consciência das “afecções do corpo pelas quais a potência de agir do próprio corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida, e simultaneamente, as ideias dessas afecções” (EIII, def.3, p.237). Quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções o afeto é uma Ação, quando somos causa inadequada ou parcial, o afeto é uma Paixão. Uma ação é sempre o aumento de nossa potência de agir, uma alegria, mas há, é preciso observar, alegrias que são paixões, alegrias das quais não somos senão causa parcial. O desejo, sendo um afeto, é uma variação, uma passagem do aumento a diminuição e vice-versa, a passagem de variação de alegria e tristeza. “Ora, por esforço de perseverar em seu ser enquanto referido simultaneamente à Mente e ao Corpo”, escreveu Espinosa:

entendemos o Apetite e o Desejo (...); logo, a Alegria e a Tristeza são o próprio Desejo, ou seja, o Apetite, enquanto é aumentado ou diminuído, favorecido ou coibido, por causas externas (...), é a própria natureza de cada um; e por isso, a Alegria e a Tristeza de cada um também discrepa da Alegria e da Tristeza de outro tanto quanto a natureza ou essência de um difere de outro e, conseqüentemente, qualquer afeto de cada indivíduo discrepa do afeto de outro (EIII P 8, Dem., p.331).

A libido é um afeto definido como “o Desejo e o Amor”, com ou sem moderação, por um objeto específico, a união dos corpos. A libido é o desejo de copular, o desejo de união sexual. A relação atual e determinada do esforço desejante e amoroso com o sexo do outro, o objeto específico do afeto. Nesse sentido, a libido envolve a natureza do nosso corpo e a natureza do corpo exterior. Por um lado e no mesmo ato:

(...) o Desejo é a própria essência ou natureza de cada um, enquanto concebida determinada a fazer [agir] algo por uma dada constituição sua, seja qual for (...); logo conforme cada um é afetado por causas externas com esta ou aquela espécie de Alegria, Tristeza, Amor, Ódio, etc, isto é, conforme sua natureza é constituída desta

ou daquela maneira, assim seu Desejo será necessariamente um ou outro, e a natureza de um Desejo diferirá da de outro tanto quanto diferem entre si os afetos de que cada um se origina (EIII P 56, Dem., p.329).

Essa constituição própria do Desejo relaciona-se à diferença específica de cada um:

Certamente o cavalo e o homem são arrastados pela Libido de procriar, mas aquele é pela Libido equina, este pela humana. Assim também as Libidos e Apetites dos insetos, peixes e aves devem ser diferentes uns dos outros. Desta maneira, embora cada indivíduo viva contente com sua natureza como ela é e se regozije com ela, contudo esta vida com que cada um esta contente e seu gozo nada de outro são que a ideia ou a alma desse mesmo indivíduo, e por isso o gozo de um discrepa do gozo de outro tanto quanto a essência de um difere da essência de outro (EIII, P 57, Esc.,p.333).

Além dessa produção de efeito resultante da definição de uma coisa, sendo Amor, a libido é um afeto referido a um objeto específico, este objeto lhe é determinante a Libido é o encontro do Desejo e do Amor com o corpo do outro, com suas partes sexuais, uma alegria acompanhada da ideia de uma causa exterior. Assim, ela deve, necessariamente, ser explicada “de tal maneira que seja expressa a natureza do objeto pelo qual somos afetados” (EIII, P 56, Dem., p.327). Há, portanto, uma diferença entre o Desejo, o Amor e o objeto que se Deseja e Ama. Ambas as dimensões constituem a libido, ela é em ato, esse é um dos pontos comuns da libido com os demais afetos que são, alegres ou tristes, Ações ou Paixões. A Libido, portanto, pode ser definida como paixão de ânimo, “uma ideia confusa pela qual a Mente afirma de seu Corpo ou de uma de suas partes uma força de existir maior ou menor do que antes e, dada [esta ideia], a Mente é determinada a pensar uma coisa de preferência a outra” (EIII, Def. geral dos afetos, p. 365). A Libido do desejo sexual, do desejo de procriar, a libido humana, a libido que arrasta os homens, as libidos dos animais. Uma vez que é uma ideia confusa, a Libido, facilmente, pode levar ao Ódio, ao ciúme e determinar a Mente a se fixar numa ideia, a sentir aversão. A libido é uma alegria, mas enquanto paixão, comporta o aspecto de padecimento, sofrimento, constituindo assim também uma tristeza, ela não é

um afeto produzido exclusivamente pela Mente. Assim, no caso do Ciúme, por exemplo, nossa potência pode ser limitada pela coação a unirmos “a imagem da coisa amada as partes íntimas e secreções do outro” (EIII, P 35, Esc., p.293), isso, conforme Espinosa, provoca a Aversão. Quando a única causa da Libido é a formosura ela facilmente se converte em Ódio.

A Castidade não é o contrário da Libido, pois a Libido faz parte de um grupo de cinco afetos que, segundo pensa Espinosa, não têm contrários. A Castidade, portanto, não é um afeto ou uma paixão, ela indica antes “a potência de ânimo que modera estes afetos” (EIII, P 56, Esc., p. 329), uma potência da Mente e não uma paixão (Cf. 365). “Embora possa ocorrer que um homem (...) se abstenha da excessiva cópula”, “o libidinoso fica triste por não pode satisfazer-se, não deixa de ser libidinoso”. A Castidade, enquanto potência de ânimo, é o efeito da Firmeza, Ação em que o esforço de perseverar em busca do que é útil conforme a razão. A moderação racional da libido faz com que a Formosura não seja a única causa da Libido, Espinosa acredita no Amor sexual acompanhado da ideia de que o principal vínculo da união, entre um homem e uma mulher, é mais potente quando o vínculo se estabelece pelo amor pela liberdade de ânimo, o desejo de procriar filhos e educa-los com sabedoria, a partir dessa última ideia, nos parece legítimo afirmar que a moderação da Libido também tem sua relação com a Benevolência, quando buscamos pela razão o útil não somente para nós, mas para a sociedade. Ao que tudo indica, a libido, na perspectiva de Espinosa, não deve ser eliminada, a libido é colocada no interior de um calculo de utilidade, individual e coletiva, orientada pela Razão. Nesse sentido, escreve Espinosa:

Todas as ações que seguem dos afetos referidos à Mente enquanto entende eu refiro à Fortaleza, que distingo em Firmeza e Generosidade. Pois por firmeza entendo o Desejo pelo qual cada um se esforça para conservar seu ser pelo só ditame da razão. Por Generosidade entendo o Desejo pelo qual cada uma se esforça por favorecer os outros homens e uni-los a si por amizade pelo só ditame da razão. Assim, as ações que visam só ao útil do agente refiro à Firmeza, e as que visam também ao útil do outro, à Generosidade (EIII, Esc., p.335).

A Fortaleza é o modo de moderar os afetos pelo só ditame da razão. A Libido é somente um caso entre os afetos, ela tem suas especificidades, mas Espinosa não a pensa como determinante, ela é colocada no interior da estratégia do conatus, não o

contrário, a não ser no caso do libidinoso, no caso do ébrio ou do guloso, do ambicioso, etc, a libido encontra-se entre os demais afetos. A Fortaleza não se define exclusivamente pela moderação da Libido e a Generosidade não se esgota na capacidade de procriar para educar filhos com sabedoria. Importa observar que a diferença entre o Gozo do libidinoso e do filósofo não se encontra na ausência ou presença do objeto, o libidinoso em privação sexual se entristece, o filósofo ama algo do qual não se pode privar, da força desse amor ele conquista, por meio do entendimento de sua necessidade, a liberdade sobre seus próprios afetos. A Fortaleza não indica uma moderação repressora, trata-se antes de afetos produzidos no exercício da potência da Mente que Goza da Alegria de entender, a Fortaleza é a força da livre necessidade de nossa potência de agir.

4. PRECIADO E A LIBIDO COMO SISTEMA TECNOSSEMIÓTICO

Freud, nos Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade apresentou a libido como um instinto semelhante ao da fome e se colocou a pensar sobre a libido e seus objetos, Deleuze e Guattari mostraram que o Desejo é produção de produção, processo de produção, produção de consumo, é aquilo que faz correr, flui e corta. Em seu Manifesto Contrassexual, Preciado demarca uma distinção vocabular e nos diz que ao que Freud chamou libido e os filósofos franceses Desejo, ele chama de sistema tecnossemiótico, sem esse sistema, conforme pensa o filósofo, “o corpo simplesmente não é sexual nem vivo” (PRECIADO, 2022, p.25). A libido existe na relação imanente a Era farmacopornopolítica, por isso a necessidade de outro nome, outra assinatura, a libido, para Preciado, não existe fora das redes semiototécnicas (pornô) e biomeleculares que a produz, tecnicamente, como natural.

A libido, como sistema tecnossemiótico, faz “parte de um bordel-laboratório global integrado multimídia, no qual o controle dos fluxos dos afetos se leva a cabo

através de uma forma pop de excitação-frustração” (PRECIADO, 2008, p.44). Ou ainda:

Dito de outra maneira, no tempo presente, todas as formas de sexualidade e de produção de prazer, todas as economias libidinais e biopolíticas estão sujeitas a um mesmo regime de produção farmacopornográfico, as mesmas tecnologias moleculares e digitais de produção do sexo, do gênero e da sexualidade (PRECIADO, 2008, p.96).

Encontramo-nos, portanto, com

uma nova imagem do indivíduo moderno: um complexo entramado de circuitos densamente conectados que emitem, recebem e decodificam informação bioquímica. Frente a arqueologia freudiana do eu, emerge um novo sujeito hormonal midiático e ultra conectado (PRECIADO, 2008, p. 121).

A libido é a força que encontra sua atualidade em uma sociedade farmacopornográfica cujo poder se caracterizar por se exercer como controle semiótico-técnico (Porno) e o biomolecular (Farmaco). O Xvídeo, o Pornhub, produzem imagens encarnadas, imagens que produzem corpo, que excitam o corpo, atualmente quem pretende controlar a libido são fármacos como o Nebida, indicado para repor a testosterona e auxiliar no tratamento da falta de testosterona que resulta em hipogonadismo, cujos sinais e sintomas associados, no corpo masculino, são os seguintes: “(...) disfunção erétil e diminuição da libido”.

A libido está nas clínicas médicas, psiquiátricas, psicológicas, sexológicas, todas elas se propõem a ajudar a solucionar o problema da libido. No mundo contemporâneo, a julgar pelo Google, o principal problema relacionado à libido, é o de como recuperá-la se ela faltar, como aumentá-la se diminuir, como diminuí-la se ela estiver aumentada ao ponto de atrapalhar “o cuidado e a sintonia” do casal, para este último caso a sugestão do Google é Libido Zero, associação de ativos que “auxilia a abaixar a libido no momento em que o casal precisa”, os compostos mais oferecidos, no entanto, visam ao seu aumento, algumas vezes são dirigidos tanto a homens quanto a mulheres, como é o caso do “Super libido Unissex”, porém, em sua maioria, encontram uma divisão marcada, como no caso de “Super libido Masculina”, voltado aos homens, e “Libefem”,

dirigidos às mulheres. Preciado observa que “durante o século XX, é certo, a investigação hormonal está marcada por um desequilíbrio político: enquanto pelos testículos e os hormônios masculinos está dirigido a virilizar e sexualizar os homens associando-se desde o princípio a testosterona à juventude, à força física, ao desejo sexual, ao vigor e à energia vital, o projeto de investigação dos hormônios considerados femininos buscam controlar a sexualidade das mulheres e sua capacidade reprodutiva” (PRECIADO, 2008, p.127). Trata-se, agora, de um todo tecno vivo conectado, de uma libido que tem uma gestão global. Segundo Preciado, “nossa forma atual do capitalismo ou de produção poderia definir-se como uma economia da ejaculação. A única e autêntica mais-valia é o índice de elevação do pênis, sua dureza e rigidez, e o volume de suas espermáticas especulações” (PRECIADO, 2008, p.197).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agostinho, Espinosa e Preciado, autores de três filosofias afastadas no espaço e no tempo e que operaram, em sentidos distintos, o mesmo vocabulário. Preciado leu Agostinho e Espinosa, começou, com Derrida, a desenvolver uma tese sobre o primeiro, em Espinosa, por sua vez, encontrou conceitos para trabalhar, como é o caso do conceito de potência de agir a partir do qual ele constrói o conceito de força orgástica ou *potentia gaudendi*. Não sabemos se Espinosa foi leitor de Agostinho, nos interessou pensar com Agostinho, Espinosa e Preciado para produzirmos algumas linhas em torno da libido nesses três processos de conceitualização. Agostinho nos auxiliou a pensar na libido como uma força desordeira, Espinosa a pensá-la como afeto com causalidade específica, Preciado, ao entender a libido como sistema tecnossemiótico, nos ajudou a pensar a libido como montagem.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, Santo. O livre-arbítrio. Tradução, organização, introdução e notas de Nair de Assis Oliveira; revisão de Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995.

AGOSTINHO, Santo. Diálogo sobre o livre arbítrio. Tradução e introdução de Paula Oliveira. Edição bilingue. Centro de filosofia da Universidade de Lisboa Imprensa Nacional casa da Moeda, Lisboa, 2001.

AGOSTINHO, Santo. Confissões. Tradução do latim e prefácio de Lorenzo Mammi, 2 ed., São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

AGUSTIN, San. Obras de San Agustin, Edição Bilingue, TOMO XVI, La Ciudad de Dios. Edição preparada pelo Padre Fr. Jose Moran, O.S.A. Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid, 1958.

SPINOZA, Ética. Tradução do Grupo de Estudos Espinosanos; coordenação Marilena Chaui. – São Paulo: editora Universidade de São Paulo, 2015.

PRECIADO, B. Testo Yonqui. Espasa, 2008.

PRECIADO, B. Manifiesto contra-sexual: práctica subversivas de identidad sexual. Traducción del francés de julio Díaz e Carolina Meloni. Opera Prima, Espanha, 2002.

PRECIADO, Paul B. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro – 1 ed – Rio de Janeiro: Zahar, 2022.